

# JORNAL DE GUIMARÃES

ORGÃO DA COMMISSÃO MUNICIPAL REPUBLICANA

Director — Antonio Lopes de Carvalho

ASSIGNATURAS: Pagamento adiantado  
Anno, 1\$000. Semestre 500 reis. Extrangeiro, 2\$000. Avulso 20 reis  
Redacção e Administração: CENTRO REPUBLICANO

Anno I — N.º 1  
GUIMARÃES, 17 DE ABRIL DE 1910

PUBLICAÇÕES: Preços convencionaes  
Propriedade da Empresa „Jornal de Guimarães“  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Typ. de Antonio da Silva Carvalho — R. de S. Damazo

O JORNAL DE GUIMARÃES inspirado nos sagrados interesses d'esta infelicitada e querida Patria portugueza; orientado pelo programma doutrinal e lei organica do unico partido politico — o republicano; reconhecendo no seu Directorio o mais alto corpo representativo da vontade nacional, sauda n'elle os que n'esta hora extrema e de desengano, luctam e soffrem pela Republica.

Ao povo de Guimarães, laborioso e activo como uma colmeia; a quantos differentemente de nós pensam, mas se affirmam pela firmeza e convicção das suas crenças, a todos, o JORNAL DE GUIMARÃES ao elaborar do seu 1.º numero envia carinhosamente a sua sympathia.

A Direcção.

## EXPEDIENTE

A quem, a titulo de experiencia, enviamos o nosso jornal e não o quizer assignar, pedimos a immediata devolução. A todos os que nos derem a honra da sua assignatura, muito obrigados.

Muito antes de lançadas as bases definitivas para o apparecimento do nosso modesto jornal, o rancoroso temor andava já insinuando que nós pretendiamos, com feroz anarchia, demolir tudo e todos. Não queremos castigar esta acção pouco honesta de quem, sem nos ouvir propositadamente vai espalhando descredito.

Porque, para o nosso espirito habituado á reflexão, a calumniosa profecia dos nossos intuitos não é mais que um acto inconsciente da profunda e dolorosa separação que traz dividida a sociedade portugueza.

Nós, meus senhores, fomos resvalando, arrastados pelos acontecimentos politicos, a uma absoluta discordia, a um antagonismo claro e a um odio irritante: nós somos uns para outros, não adversarios, mas inimigos irreconciliaveis. O manso balbuciar do credo politico basta a fazer vibrar nervosamente a nossa irritabilidade, quebrando relações, movendo em nosso character uma impetuosa agitação de inimizade.

Não é bem a guerra civil de armas na mão, mas é uma luta moral e civil tam intolerante como pertinaz.

Luta, porem, de cobardias e incertezas, de tam cruéis despotismos como tolas jacobinagens, choque de vaidades espiçadas, mercadejar de interesses pessoais, furia demolidora, furia reaccionaria, apenas serve

para desprezarmos o que devemos á nossa dignidade de homens, enquanto, abandonada com este fundamental egoismo, a patria portugueza naufraga com todas as glorias e com todas as esperanças, na mais ignominiosa das mortes, a da penuria financeira, a da ruina intellectual e moral.

Triste e simples — esta é a verdade.

E o conhecimento d'ella impoi-nos — rasgadamente o affirmamos aqui — a obrigação fundamental de não contribuímos por nossa parte para a já excessiva dissolução da sociedade portugueza, sim o dever, bem gravado na consciencia, de nos empenharmos para a solidarização de intelligencias e caracteres, que, ainda não completamente degradados, representam as actividades de que todos esperam não só o resurgimento, mas o progresso da patria.

Não vimos concretizar o odio — nós só odiamos, e com toda a força de que dispomos, a ignorancia, e não tanto a ignorancia — analfabetismo, como a inercia civil e a cobardia e aniquilamento moral — vimos tornar pratico, real, porventura salutar, o desinteressado amor que temos á cidade de Guimarães, aos cidadãos portuguezes e á nossa patria — que é toda uma e a mesma. Renegamos a função dissolvente que para aí se exerce, tam brilhantemente ostentosa, tam regaladamente coroada de exito.

Sób'o ponto de vista doutrinario, principalmente moral e politico, desejamos servir unicamente, obscuros, nesta laboriosa tarefa que só o escarneo e as torturas recompensam, que não dá gloria nem proveito, para disseminar alguns preceitos educativos, rudimentares — como o exige a natureza dum jornal, e adaptados á lamentavel

incuria dum povo atrasado, tendo em conta a atmosfera de tradicionalismos e suspeições da nossa terra.

Que isto não é fazer programa: — o jornal actua e reage segundo as determinações do meio, é talvez a ideia, mas a ideia viva circulando nas ruas. A função do journalismo é portanto eventual.

Neste unico instante de alegre repouso, em que a nossa alma vai abraçando a alma do povo, com que assim communicamos, não será mau recordar, talvez para garantia, talvez á maliciosa indiferença, para que nos escutem e para que nos respeitem, que a crença inabalavel que sempre tivemos, na democracia, não nos deu, e menos dará agora nesta forma de actuação evidente, nunca interesse pessoal, antes se tem desenvolvido com o sacrificio constante, resignado e perfeitamente consciente, das nossas comodidades, e de nossos haveres, com sacrificio até da propria vida — na sua integridade e na sua duração.

## ECHOS

### Apresentação

Aos nossos confrades da imprensa local, aos representantes da imprensa do paiz, n'esta cidade, os nossos cumprimentos, com a affirmação da nossa lealdade jornalística.

### Liberdade d'imprensa

E' da Carta constitucional § 3.º do art. 14.º: «Todos podem comunicar seus pensamentos por palavras e escriptos, e publicar-os pela imprensa sem dependencia de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem

no exercicio d'esse direito, nos casos e pela forma que a lei determinar». Este principio é regulado por lei de 11 de Abril de 1907, estando no poder João Franco, sendo ministro da Justiça Teixeira d'Abreu. Archive-se.

### Mais

O regimen politico da nação é ainda a Monarchia Constitucional. E' rei de Portugal o snr. D. Manoel II, da casa de Bragança, e rainha a senhora D. Amelia da casa Orleans.

Está no poder o snr. Francisco da Veiga Beirão, do lote progressista, regulam as leis e o rendimento dos impostos 155 senhores deputados, o deficit sóbe, e o povo debate-se com uma crise que se chama — permanente. Exacto.

### Da conferencia

O snr. Dr. Alves dos Santos na sua conferencia de domingo na Sociedade Martins Sarmento falando da situação da escola primaria d'este concelho disse entre outras coisas magnificas, isto: — «Que sendo a população escolar do concelho de sete mil e tantas creanças, só tres mil se achavam matriculadas, havendo a notar ainda que d'essas tres mil, sómente mil e quinhentas tinham uma frequencia regular».

De quem é a culpa? a maxima culpa?

Vejam: Sabe-se que o cofre municipal dispõe de verba, mais que regular, para as despesas da instrucção publica, e, sabe-se tambem que d'esta verba o chamado poder central ainda distrahe parte.

Assim, pois, logico é concluir que esta cahotica e triste situação apresentada pelo illustre conferente se deve: ou ás instituições que ainda felizmente (?) nos regem, ou aos seus servidores que ainda desgraçadamente nos mandam... Ou não?

### Outra passagem

O illustre orador depois de condemnar o abandono crimino-

so do Estado pelo problema da instrucção publica, aprecia a acção da iniciativa particular pela escola primaria, dizendo:

«Só em Lisboa onde ha quatrocentas e tantas escolas de ensino livre, tresentas e tantas pertencem aos republicanos.

«Aqui n'estas simples e boas palavras — tresentas e tantas escolas pertencem aos republicanos» está a mais grande e a mais séria apologia que homens intelligentes podem fazer a um partido politico!

Um partido politico que faz a sua propaganda fundando e sustentando escolas; um partido politico que quer a remodelação da sociedade portugueza pela escola: um partido politico que, finalmente, se quotisa, se congrega, se offerece á Patria para lhe combater o maior cancro — o analfabetismo, esse partido politico deve bem merecer dos adversarios — se licito é que ainda os tenha!

Oh! mas o conferente de passo que nos apresentava este quadro consolador, (não querendo, talvez, vexar de mais as instituições que ainda felizmente nos regem ou os homens que ainda desgraçadamente nos mandam) taxou essas escolas de clubs de politica demolidora. Muito bem.

Faltou tão simplesmente acrescentar que, para bem reconstruir, é necessario primeiro demolir, e é isso o que estão fazendo os republicanos: — Pela escola? tanto melhor.

Todavia o dito do conferente como os applausos da assembleia quizeram significar outra coisa. Trista coisa quizeram significar...

### Carreada... de fé

Numa piedosa e christã demonstração de crença, noventa e tantos carros subiram o monte do Sameiro — Braga, conduzindo offertas de pinheiros para a obra do templo á Senhora que do monte tem o nome.

E se á Penha identico milagre subisse?

### Pois é pena!

A 21 do passado mez diziamos em correspondencia para a

«Patria» diário portuense:

—Numa terra como a nossa, onde existe uma collectividade de representação intellectual, e que no paiz tem renome; numa terra como a nossa, onde uma instituição existe que é por excellencia a promotora da instrução popular no concelho, a passagem do centenario de Alexandre Herculano que em todas as principaes terras do paiz vai ser justamente commemorada—para mais se perpetuar a memoria d'aquelle que foi grande nas lettras, em Guimarães, não grado o existir uma collectividade como a Sociedade Martins Sarmiento, nada, absolutamente nada, se faz... Pois é pena! Porque não pensam em promover um sarau litterario, se felizmente, nos não faltam elementos para isso? Porque não pensam?

**A «Illusão»**

Um senhor, da «Palavra»—talvez um despeitado, quem sabe?—entretinha-se n'um dos ultimos n.ºs a desprestigiar o valor do nosso velho amigo Alfredo Guimarães, chegando até a acimolar o de *plagiario* na peça a «Illusão», que tão brilhante estreia teve no Theatro D. Maria. Bem sabemos o bicho que o morde... Tenha paciencia... A adivinhar que é rival no officio... Apostamos? Leia a critica do «Mundo», meu caro senhor, que diz:

O espectáculo abriu com a primeira representação da peça em 1 acto, em verso, A Illusão de Alfredo Guimarães. É um lindo feixe de versos, brilhantes e sonoros, compostos por Alfredo Guimarães, depois da leitura de um conto do sr. Malheiro Dias. O conto sofreu quasi uma completa modificação. Acrescentou-se em personagens e tomou novo caracter. O conto de Malheiro Dias serviu, pois, apenas de inspiração. Alfredo Guimarães é já um poeta conhecido pelo seu talento, senhor duma tecnica perfeita, sendo os seus versos modelares na forma e cheios de sentimento. Não é, portanto, sobre a parte litteraria que diremos mais do que a expressão do nosso aplauso. Quanto á acção parece-nos que é talvez pouco movimentada, faltando-lhe esse elemento de teatralidade. O entreccho é interessante; É necessário, porém, que a interpretação seja perfeita para que a «Illusão» se imponha ao aplauso do publico. Todas as peças, mas esta em especial, sem uma boa interpretação perdem muito do seu valor. Alfredo Guimarães deve, entretanto, estar satisfeito com o seu primeiro passo no theatro, que foi brilhante.

Leia, e se for sincero, deve connosco, dar os parabens ao nosso conterraneo e querido amigo Alfredo Guimarães.

**APONTAMENTOS**

**Para a liquidação d'um regimen**

É impossivel, n'esta hora de profunda alteração nacional, systematizar ideias ou notar reflectida-

mente os acontecimentos, porque os phenomenos politicos apparecem de surpresa, brutais, violentos, por tal modo significativos de infamias, das ultimas corrupções e dos mais perversos crimes que desvairam a consciencia mais fria e fazem estremer em convulsões de revolta os caracteres mais serenos.

Soube-se que alguém, um desconhecido, mas com certeza um desconhecido que anda á *vontade* pelos ministerios, que lá tem franca entrada e ai pode demorar-se sem levantar suspeitas, *roubou um documento importante e secreto* para ir mostrar a *parte favoravel* ao ministro *duma nação estrangeira*, num caso grave para os interesses nacionaes em *conflicto* com os interesses particulares dum inglês, que áquelle ministro fôra solicitar os seus bons officios perante os governos portuguezes.

Sabe-se que um ministro portuguez, pertencente ao partido progressista, teve conhecimento do caso e o occultou ao parlamento quando se discutia o assunto, vindo-se forçado ou impellido a confessá-lo, quasi numa justificação, arastado na tempestuosa controversia.

Viu-se que uma maioria de cadeiras tentou abafar o incidente, pondo em cheque o governo, aranjando uma commissão de inquerito formada de apaniguados que, á sombra do proprio orgulho ou de miseraveis transacções, desvirtuassem a verdade.

Todos nós gritamos—*traição, traição á patria!*

O proprio governo, procurando alijar as suas responsabilidades na forma como, tendo conhecimento do facto, pensara em resolver a questão e vinha guiando o debate parlamentar, curvou-se e gemeu—*traição!*

Pois, meus senhores, não faltará por aí alguma alma de barro, d'estas almas, conde coradas, eleitas, fartas, destas almas que soffrem todas as vilanias pela códeia dum emprego, destas almas que se vendem para anichar a parentella, certamente dessas que gosam de todas as considerações sociais e de todas as saborosas comedorias, que não diga, esboçando gestos de patriotismo: «isto é obra dos republicanos; para que vieram elles falar nisto, que temos nós com isso. O que é preciso é que a Municipal lhes dê para baixo.»

O' almas de barro! O' almas de traidores!

**Na Berlinda**

O ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves... e mais o seu desmentido

Procurou-nos o nosso particular amigo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves, para que no nosso jornal se desmentisse o boato, que por ali tem corrido, de que sua ex.<sup>a</sup> estava nomeado presidente do centro republicano, que se está organisando nesta cidade.

D'«O Regenerador» de 28—1—910

Não nos consta que, á dacta do boato, alguém dissesse que ouviu dizer que disseram que nós dissemos que o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves estava nomeado presidente do Centro Republicano; e a prova de que não nos consta que, á dacta do boato, alguém dissesse que ouviu dizer que disseram que nós dissemos que o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves estava nomeado presidente do Centro Republicano—é que o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves não foi nomeado presidente do Centro Republicano!

Quem, pois, veio desmentir que o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves não estava nomeado presidente do Centro Republicano, não foi o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves escrevendo o seu desmentido no Regenerador, mas, sim, o Centro Republicano não se lembrando do seu nome.

Para isto, para esta obra tão generosa e pacifica, não concorreu o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves com mais trabalho do que aquelle que teve certo dia em dizer a alguém, que a proposito o visítara (está aqui do lado esse alguém a confirmá-lo) que elle sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves não era republicano em Guimarães, porque... (espanta o motivo!!!) porque... já o havia sido em Lisboa!!!

(Senhores typographos: tres pontos de admiração acho pouco!)

Diga-se pois: O sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves foi publico e raço (são d'elle os termos) republicano em Lisboa, — embora venha no «Regenerador», declarar que não esteve filiado no partido republicano, com o que evidentemente quer fazer acreditar que o não podia ter sido!!!

Apurado d'esta maneira que o sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves foi republicano em Lisboa, pergunta-se: porque o não é tambem em Guimarães?

Nós sabemos..., mas, porque alem de tudo reconhecemos no sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves um fundo bom, sinceramente o dizemos, queremos por isso não agravar-lhe a situação.

Entenda, porem, sua ex.<sup>a</sup> e guarde isto:

Nunca um homem de superior espirito se preoccupa em desmentir o que de si se diz ou corre — e muito menos se o accusam (sympathica accusação) de ser nomeado á presidencia d'um Centro republicano!

Um homem de superior espirito sabe desprezar, como tambem por igual sabe que não o envergonha, antes o enobrece, a qualidade de ser republicano...

Veja sua ex.<sup>a</sup> como os monarchicos intelligentes, na impossibilidade, e talvez vergonha, de accusarem o systema republicano, veja sua ex.<sup>a</sup> como elles se dizem ostentosa e orgulhosamente republicanos — theoreticos?

Ora, mas o que é verdade é que, quem não arma a fazer ruido á volta do seu nome, não vem por uns simples dizeres avulsos botar declarações: — e que declarações! as mais comprometedoras em que uma creatura do Senhor jámais se viu cair.

Levante-se, pois, sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves! Sua ex.<sup>a</sup> está novo; tem qualidades que o podem tornar um cida-

dão util para esta sociedade tão decrepita e má, e, nós porque não lhe queremos mal nenhum, creia-o, só lhe recommendamos — que não volte a fazer outra...

**COISAS DA NOSSA TERRA**

Na Havaneza do Tonral está aberta a assignatura ao publico vimaranense para a «Viuva alegre» e «A's armas!»

A companhia que actualmente está representando estas peças no Porto, tra-la-ha a Guimarães nos proximos dias 21 e 22 do corrente — se a casa se passar.

Esta condição é frequentes vezes a causa de não haver espectaculos, porque o nosso publico é raro estar de humor a sacrificar o dinheiro para gozar uma noite de theatro e já não digo de mau theatro — mas do theatro em geral e principalmente mesmo do bom.

Quando entre nós se realisa uma festa de simples amadores (ou até que o não sejam) a pretexto d'um beneficio, qualquer — aos azylados, astuberculosos — n'este caso as familias condescendem em ficar com o bilhete acompanhado do respectivo cartão: «Pedimos a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a finca de aceitar o incluso bilhete para a recita que deve effectuar-se no theatro D. Afonso, na noite de tal...» Dentro em pouco não ha nem um camarote, nem uma cadeira disponivel.

Mas quando se anuncia um grupo do D. Maria, ou qualquer outra companhia razoavel que já tem percorrido as cidades da provincia, os vimaranenses obstinam-se em não ir ao theatro, desculpando-se com o mau tempo... o luto por um parente afastado...

É certamente amargo comprová-lo, mas isto é a legitima expressão da verdade. A nossa sociedade tem d'estes absurdos caprichos, d'estas injustificaveis teimosias. E d'esta sorte, como proporcionar á nossa terra divertimentos e distrações, que não só servem para o deleite do espirito, como tambem aperfeçoam o gosto esthetico, o sentimento artistico e muitas vezes deixam-nos aproveitar um fundo de moral?

O theatro devia ser a escola do povo, pela audição e pela visão, moderadora da sua inconsciente ignorancia, educando o sentimento no culto e admiração da Arte e do Bello. Desgraçadamente elle prefere uma praça de toiros, um circo de cavallinhos, um barraco de feira — tudo o que emfim é reles ou brutal, e desperta ou ideias sanguinarias ou pervertidas: nos toiros gosta de ver o cavalleiro por terra; nos theatros ambulantes commove-se com «a probe da D. Ignez, morta com uma facada á cinta... nos cavallinhos applaude uma esqueletica mulher de forças, erguendo no ar, com incrível esforço, uns alteres de pau... Chega a parar na rua para ver os fantoches, em que o Roberto, com a tradicional moca, desanca os seus companheiros dramaticos, que nem o Cyrano com a ponta da espada era mais audaz!

E tudo isto porquê? Porque nós não temos o bom theatro, a que a classe abastada não vai, por causa do mau tempo... e d'um parente falcido...

E assim nos causa profundo abatinamento ver aproximarem-se os dias em que se promettem duas boas noites de theatro, sem que haja grande esperanca em que a companhia possa vir... Ah, se fossem os «Sinos de Corneville, no Lisbonense!»

Isto é triste e... dá vontade da gente emigrar com as andorinhas!

**Bohemia Journalistica.**

Pois é verdade. Nós como toda-a-gente boa, julgavamos que isto de ter uma opinião politica differente da politica opinião da outra gente, não inibia, não impedia que cada um, como cada qual, a propagandasse, segundo sua vontade e criterio, desde que, á face do direito commum e mais do Codigo Penal, crime fazel-o não fosse.

Assim discorrendo, resolvemos mandar publicar um jornal, convencidos de que para este ser publicado nada mais havia a fazer que não fosse mandal-o publicar aceitando-lhe as responsabilidades.

Engano, porem. Para um jornal da nossa aspiração politica não basta que haja em Guimarães uma typographia com machina, typo, empregados, tempo e vontade do industrial; para um jornal da nossa opinião, da nossa fé politica, não basta o contracto com essa typographia, não chega a responsabilidade perante a lei; é necessario mais alguma coisa...

Porque? Ora, porque é um jornal republicano é, assim como é certo que se não é republicano em toda a parte que se quer, mais certo é ainda que se não publicam jornaes onde se julga.

Mas não é novo o incidente. Ha annos publicou-se ahí um jornal republicano, o «Povo de Guimarães»,. Onze mezes depois o «Povo de Guimarães», suspendia-se... porque o dono da typographia recebia d'algum intimação para isso.

Mais tarde, facto identico succedia ao jornal republicano, a «Alvorada», suspendendo com o 5.º numero na garganta.

Com o jornal que hoje, ousadamente, rebeldemente apparece ainda esse alguém se antepoz, coartando, coagindo, apertando o industrial dentro d'este dilema affrontoso da dignidade e da liberdade do trabalho: — «Nós somos os seus melhores freguezes,!» Corja!!!

Mas para que havemos nós de estar a reparar n'isto, se, tanto para o jornal como para as coisas da nossa opinião, sempre assim tem sido?! Para quê?!

O melhor serviço que podemos prestar aos que depois de nós vierem é deixar dito que parte do globo habitamos. Se nós não fossemos baírristas!

**NOTICIARIO**

**Na Sociedade Martins Sarmiento**

A conferencia do Sr. Dr. Alves dos Santos

Do Sr. Dr. Alves dos Santos, intelligentissimo lente de theologia da Universidade de Coimbra, já nós tinhamos ouvido fallar, como um homem a quem a tonsura não conseguiu peiar as tendencias modernas do seu espirito illustrado e culto.

Mas o que nunca supuzemos é que o Sr. Dr. Alves dos Santos tivesse aquella independencia, aquelle desassombro admiravel de manifestar abertamente o seu modo de ver e a sua opinião, n'este meio em que o bajulismo e a subservencia são os factores principaes para se guindar um homem ás culminancias do talento.

Realmente, deixou-nos maravilhados, a sua notabilissima conferencia.

O Sr. Dr. Alves dos Santos, n'aquella sua linguagem chã, e verdadeira mas d'um grande sinceridade, não se limitou somente a produzir palavras ocas e vasias. Foi mais longe. Produziu ideias, affirmou principios, definiu campos.

A sua conferencia foi uma machadada de mestre dada na rotineira e reaccionaria educação da sociedade presente.

Pois foi o Sr. Dr. Alves dos Santos quem no passado do mingo, 10, por volta das 8 e 1/2 horas da noite, a convite da direcção da Sociedade Martins Sarmiento realisoou uma conferencia que versou sobre o assumpto momentoso da "Educação e Pedagogia."

Ausencia completa de vaidade e de bem estudada pose para agradar á Assembléa, como nós tantas vezes temos visto. Grande cunho de sinceridade. Desprendimento total d'artificios para os trucs d'effeito:

Assim principiou o conferente.

Tratou a interessantissima these com maestria e saber.

O assumpto prestava-se, e sua ex.ª soube-o aproveitar, com intelligencia, com criterio, com carinho.

O conferente dividiu a sua oração em 4 partes: Educação physica, educação moral, educação intellectual, educação civica.

Revoltou se abertamente, de-sassombadamente contra o ensino actual.

Não é preciso só ensinar a ler, diz sua ex.ª, é preciso tambem formar o caracter da creança. Mas formal-o de maneira a que o homem d'amanhã aprenda a ser livre, isto é, a contar com o seu esforço individual, com o seu eu, enfim, para entrar no mar revolto da Vida.

O grande mal dos portuguezes, e elles só contarem com a protecção dos outros.

Oportuguez o que quer é digerir socegradamente, sem que o pertubem na sua digestão.

E para isso agarra-se ás abas do primeiro influente politico da terra, e este por sua vez ás do ministro, para que lhe arran-jem um emprego. E emprego em Portugal quer dizer: mandrice.

E isto porquê? Pelo ensino ministrado na escola, o verdadeiro ensino burla, de que sociedade está tirar os seus tristes effeitos, pois caminha para um *debacle* aterrador, para um esphacellamento horrivel, se a escola se não levantar, se a escola não crear cidadãos, se a escola não formar homens, na verdadeira accepção da palavra.

Fustiga causticamente o Estado, que não quer saber da instrução, que a tem despresado com um desdem revoltante, em quanto que os *republicanos*, aproveitando-se d'esse desdem, se teem ahrado afanosamente á instrução e educação do povo.

Basta ver, diz sua ex.ª:

De 400 e tantas escolas d'ensino livre que existem em Lisboa, 300 e tantas são republicanas!

E' preciso reformar o ensino.

E' preciso que elle assente sobre bases solidas, para que de futuro nós não tenhamos homens com *verniz d'illustração*, mas com perfeito conhecimento dos seus deveres e dos seus direitos.

Actualmente estamos n'uma perfeita bancarrota d'educação.

No nosso concelho, ha 37 freguezias, sem escola! E' horrivel.

Mas não basta só crear escolas. E' preciso tambem estabelecer a Assistencia escolar, para que preste o seu auxilio ao filho dos pobres, que muitas vezes nem não tem no sentir a lagarib.

Estabeleçam se cantinas escolares, onde as creanças tenham pão e vestuario.

Trabalhem para transformar este meio em que vivemos.

Referindo-se ás escolas industriaes, que para ahí se orientam com grandes louros, e que foram creadas para o ensino profissional, sua ex.ª confessa com grande desgosto, que não existe ensino profissional!

Falla ás mães, ao seu coração bondoso, para que prestem toda a attenção ás suas palavras, e que eduquem os seus filhos nas ideias que acaba d'expor, para que amanhã elles sejam *homens*, bons cidadãos e bons patriotas.

E assim termina sua ex.ª a sua interessantissima conferencia.

E conferencias d'esta ordem em que se dizem verdades como punhos, em que se não bajula nem dobra a espinha, é que a Sociedade deve promover, e a miúdo.

Oxalá que o Sr. Dr. Alves dos Santos, em vez d'uma conferencia, sómente, fizesse uma serie d'ellas.

E' assim, d'esta forma, que a Sociedade affirma a sua razão de ser e cumpre o objectivo para que Martins Sarmiento a creou.

Porque a Sociedade, esta é que é a verdade, embora pese annitos não tem correspondido ao seu fim principal.

Tem sido, quasi, mais objecto meramente decorativo, onde se faz a sessão solemne de 9 de Março, e tem a sua bibliotheca esplendida, do que aquillo para que foi instituida.

**Albergue de S. Paio**

Aquelle casebre immundo onde as velhinhas do Albergue, emphaticamente encontram agasalho, está desmantellado e ameaça ruina.

Na parte sul do casebre houve ha tempos uma derrocada da parede.

Pois até agora, nada mais se fez que mandar pregar umas simples taboas de pinho, para occultar aquellas pedras aos olhos dos transcutes.

E de tal forma as taboas estão postas que, alem de não segurarem, e de pouco perseverarem as velhinhas contra os rigores do frio, são uma indecencia que nos envergonha aos olhos dos visitantes.

Em tempos, pensou-se em arrasar *aquillo*, mas a porca da politica mettu-se de permeio, e nada se conseguiu.

Dizem-nos que existe uma porta de grande valor archeologico. Se assim é, de duas uma: ou arransam *aquillo*, o que seria preferivel, mandando a tal porta para o museu da Sociedade Martins Sarmiento, ou então con-

cerlem o casebre

A proposito: Que é feito da decantada commissão em tempo nomeada para tratar d'esse assumpto e da demolição do Recolhimento do Anjo?

Até agora ainda não deu signal de si...

**Uma pergunta**

A Associação Commercial, que tão galhardamente recebeu os excursionistas povoenses, em Maio do anno passado, está resolvida a pagar a visita, organizando tambem uma excursão áquella linda praia!

Pó le objectarnos que, agora, todo o tempo é pouco, para o assumpto das Festas. E não seremos nós que lhe neguemos rasão.

Não seria viavel, tambem que Associação Commercial, emprestando o seu nome prestigioso, chamasse o auxilio d'outra collectividade para tratar da excursão á Povoas, como, por exemplo—o "grupo de Propaganda por Guimarães,"?

A' illustre direcção recomendamos o assumpto.

**Festas gualterianas**

Na faina de colher donativos para as Festas da Cidade, já sahio a Direcção da Associação Commercial, benemerita iniciadora d'essas Festas.

Segundo informações, constanço que os habitantes da nossa terra, a teem recebido com manifestas provas de bom acolhimento.

E nem d'outra forma era d'esperar, attendendo a que as festas, generosa audacia da Associação Commercial, vincularam no coração de todos os vimaranenses, a convicção plena de que a sua realisação se tornou uma verdadeira necessidade.

Deixal-as morrer, n'este periodo em que ellas já attingiram o direito á sua conservação, seria, além d'uma grande prova d'inerçia e falta de patriotismo, um verdadeiro crimé contra os interesses de Guimarães.

Mas não. Ellas não morrerão, porque ahí temos a Associação Commercial, sua mãe extrema-sa que fará, como todas as boas mães, zelar e pugnar pela vida e futuro da sua filha querida.

**Congresso**

Reune nas proximo dias 21, 25 e 26, o Congresso annual do partido republicano.

O Congresso effectuar-se-á no salão da Assembléa commercial Portuense, á R. do Laranjal, Porto, e n'elle debater-se-ão questões importantissimas para a vida do partido.

O nosso jornal faz-se representar pelo nosso querido director A. L. de Carvalho.

**Cinematographo**

Continuam as sessões do Cinematographo, installado no Theatro D. Affonso Henriques.

Tem fitas esplendidas, e o aparelho é um dos melhores que temos visto.

Pena é que a concorrência tenha sido escassa.

**«Os dois marçanos»**

A comedia—drama "Os dois marçanos,, levada á scena ha dois annos, em um acto, mas que agora o seu auctor sr. P.º Gaspar Roriz, transformou em 3 actos, vae á scena no proximo dia 24, no nosso theatro.

Os seus interpretes são empregados de commercio, que, segundo nos dizem, sabem comprehender os seus papeis.

Correm afanosamente os ensaios, e é d'esperar que a peça e o desempenho agradem plenamente.

A coadjuval-os, terão o concurso da sympathica actriz amadora D. Alda Verdial, que tanto agradou no espectáculo do "Grupo de Propaganda,, Por Guimarães", em que tomou parte.

Para que a alegria seja completa, e a festa atinja as proporções de todo o brillantismo, é preciso que os vimaranenses deem uma casa á *cunha*, aos sympathicos rapazes.

São esses os nossos desejos sinceros.

**Theatro D. Affonso Henriques**

A empresa A. Sá traz a esta cidade a companhia do Theatro Carlos Alberto, do Porto, que levará á scena a comedia lyrica, em 3 actos, «A VIUVA ALEGRE»

de tanto agrado no Porto, a applaudidissima revista «A's armas» que ali tem obtido um successo colossal.

Estas duas recitas realisam-se nos proximos 21 e 22, para o que se acha aberta a assignatura na Tabacaria Havaneza.

**Torneio**

Realisou se no domingo ultimo, n'um terreno junto á Praça de Touros, o torneio aos pombos, promovido pelo Club de Caçadores de Guimarães.

O torneio esteve muito concorrido d'atiradores d'esta cidade e de fóra do concelho, sendo distribuidos premios aos mais distinctos.

**Suicidio**

O Sr. Joaquim Martins de Macedo e Silva, importante capitalista, proprietario, da R. de Camões, desapareceu de sua casa no dia 13 do corrente.

Atterida, a familia tratou de o procurar, e soube a triste nova de que o Sr. Martins se tinha suicidado.

Effectivamente, ahí para os lados de Campello apparecia o chapen e guarda-chuva do suicida, numa das margens do Ave.

Procurando bem, foram encontrar o cadaver do suicida no rio, junto a um amieiro.

Quaes as causas do suicidio? Se ouvissomos a voz do povo, os seus commentarios, alguma coisa havia que dizer...

O povo ás vezes tem razão.

Constata-se, ao menos, que a ideia do suicidio predominava desde ha muito no desventurado.

Joaquim Martins de Macedo era um prestante cidadão, uma bella alma.

A todos que o estimavam, a nossa solidariedade com a sua dôr.

**Escola Agricola**

A instituição benemerita do Sr. Conde d'Agrolongo, que funciona na Sociedade Martins Sarmiento, continua a prestar revelantes serviços aos que se dedicam á agricultura.

O regente, Sr. Frago Junior, é d'uma grande dedicação pelos seus alumnos, que, infelizmente, são pouco numerosos, mas que todavia já vão comprehendendo os grandes resultados da agricultura pelos modernos processos da sciencia.

Juntamente funciona tambem um curso d'instrução primaria, sómente destinado aos alumnos analfabetos da Escola Agricola, e regido pelo Sr. Manoel Gomes dos Santos Oliveira, um professor que nos tem encantado, pela excellencia do methodo adoptado e pelo carinho e interesse com que trata os seus alumnos.

Todavia a frequencia é diminuta, e, para o sr. Oliveira não desperdicar tempo, que podia ser aproveitado em maior numero d'alumnos, lembravamos ao grande benemerito Sr. Conde d'Agrolongo, que a aula se tornasse extensiva a alumnos extranhos á Escola Agricola.

Era mais uma benemerencia a juntar a muitas outras que o Sr. Conde tem praticado.

**Associação dos Operarios Curtidores e Surradores de Guimarães**

Esta associação, celebrando o anniversario da sua fundação, foi ouvir missa á Igreja de S. Francisco, dita pelo sr. P.º Gaspar Roriz, por alma dos socios fallecidos.

Depois teve logar na sua séde a inauguração do retrato do fallecido Sr. Antonio Pereira de Sousa, benemerito protector d'aquella Associação.

Achando-se presente o Sr. Simão da Costa Guimarães, cunhado do saudoso extinto, o presidente sr. José Mendes d'Almeida convidou-o para assumir a presidencia.

O sr. José Mendes d'Almeida e José Carneiro dissertaram sobre a utilidade d'esta associação, prestaram sentida homenagem á memoria do chorado Antonio Pereira de Sousa.

Agradeceu, por fim, o Sr. Simão Costa as palavras e as homenagens em hora do seu saudoso amigo e cunhado, e entregou á direcção a quantia de 5:000 reis, para fundo de sua caixa de soccorros.

**Fallecimentos**

Na sua quinta de Villa Nova das Infantas, falleceu, no dia 12 do corrente o nosso conterraneo Sr. Eugenio Pastor, violinista distincto e considerado, e que algumas vezes fez parte da orchestra do Theatro de S. Carlos.

Os nossos pesames á familia enluctada.

Egualmente falleceu o Sr. Ernesto Pinto da Cunha Abreu, proprietario, morador á R. de S. Paio.

Apresentamos as nossas condolencias á familia do extinto.



“GUIMARÃES NO PORTO”

M. REG.

TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO DE GUIMARÃES

OLIVEIRA GUIMARÃES

FABRICA DE ROUPAS BRANCAS E ENXOVAES

PARA CASAMENTOS E BAPTISADOS

BORDADOS A BRANCO

118, Rua Sá da Bandeira, 122

PORTO

J

ASSIGNAC  
Anno, 1900  
Para fora d  
Redacç

CARTA

Meus  
rios: — A  
artigo, c  
leve e d  
me, com  
ter de re  
passado

Pois é  
rões é a  
de eu, r  
aprender  
e a julga  
que seja  
encontre  
que seja  
me anim  
sempre  
affectivid  
conjunct  
nhas prin  
ti os prim  
sa terra  
familia, q  
ção reneg  
nha, inte  
Nessa ter  
primeiras  
como foi  
as minha  
des. Foi  
espírito c  
a individu  
se, e o m  
a impór  
phantasia  
resta que  
e longinc  
solidas  
queletos  
se ao m  
é certo q  
je é bem  
annos, p  
tituiu a  
xão subs  
to que, o  
je aspect  
mas, apes  
leve e de  
olho par  
nos affas  
evoco es  
sias e irr  
sos e au  
sonhos d  
olhos, co  
tão passa  
mo em fi  
figuras, a  
mas e ris  
mudam!

Companh  
panheiros  
repósam  
renidade  
gratidão  
tingencia  
das no s  
puras e h